



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA
NÚCLEO DE PESQUISA E EXTENSÃO EM HISTÓRIA DA PARAÍBA
ESPECIALIZAÇÃO EM ESTUDOS DE HISTÓRIA LOCAL:
SOCIEDADE, EDUCAÇÃO E CULTURA**

VANUZA DE OLIVEIRA BARBOSA

**FELISMINA MARIA FREIRE:
ENTRE O PARTEJAR E A EDILIDADE NA SOCIEDADE MONTADENSE
(1983-2004)**

CAMPINA GRANDE – PB

2020

VANUZA DE OLIVEIRA BARBOSA

**FELISMINA MARIA FREIRE:
ENTRE O PARTEJAR E A EDILIDADE NA SOCIEDADE MONTADENSE
(1983-2004)**

Artigo apresentado ao Programa de Pós-Graduação em Estudos de História Local: Sociedade, Educação e Cultura, em cumprimento à exigência para a obtenção do título de Especialista.

Linha de Pesquisa: Memória e Patrimônio Cultural.

Orientadora: Profa. Dra. Luíra Freire Monteiro.

CAMPINA GRANDE – PB

2020

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

B238f Barbosa, Vanuza de Oliveira.

Felismina Maria Freire [manuscrito] : entre o partejar e a edilidade na sociedade montadense (1983-2004) / Vanuza de Oliveira Barbosa. - 2020.

36 p. : il. colorido.

Digitado.

Monografia (Especialização em Estudos de História Local, Sociedade, Educação e Cultura) - Universidade Estadual da Paraíba, Pró-Reitoria de Pós-Graduação e Pesquisa, 2020.

"Orientação : Profa. Dra. Luíra Freire Monteiro, Coordenação do Curso de História - CEDUC."

1. Edilidade. 2. Partejar. 3. Sociedade montadense. 4. Biografia histórica. I. Título

21. ed. CDD 981.33

VANUZA DE OLIVEIRA BARBOSA

**FELISMINA MARIA FREIRE:
ENTRE O PARTEJAR E A EDILIDADE NA SOCIEDADE MONTADENSE
(1983-2004)**

Artigo apresentado ao Programa de Pós-Graduação em Estudos de História Local: Sociedade, Educação e Cultura, em cumprimento à exigência para a obtenção do título de Especialista.

Orientadora: Profa. Dra. Luíra Freire Monteiro.

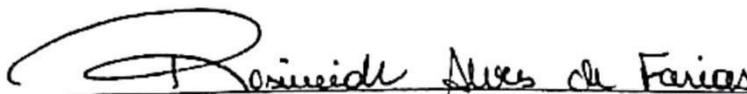
Aprovada em: / /

BANCA EXAMINADORA



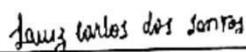
Profa. Dra. Luíra Freire Monteiro (Presidente)

Universidade Estadual da Paraíba – UEPB



Profa. Me. Rosineide Alves de Farias (Avaliador Externo)

Centro Universitário – FAMETRO (AM)



Prof. Me. Luiz Carlos dos Santos (Avaliador Interno)

NUPEHP/UEPB

CAMPINA GRANDE – PB

2020

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	5
2. DEMARCANDO O LUGAR: MONTADAS FÍSICA, POLÍTICA E HISTORICIZADA.....	7
3. PRIMEIRAS LINHAS SOBRE FELISMINA MARIA FREIRE	9
4. NASCIMENTO DE UMA PARTEIRA: ZEFA TAVARES, ESCOLA VIVA DE FELISMINA.....	11
5. MEMÓRIAS DE COMADRES: LEMBRANÇAS PARIDAS	16
<i>A Feli(z)mina de Comadre Valdízia.....</i>	<i>17</i>
<i>Um traço de (Fé)lismina no discurso de Comadre Detinha</i>	<i>20</i>
<i>Dupla assistência: a Felismina Maria de Comadre Edileuza.....</i>	<i>23</i>
6. A VEREADORA: VISLUMBRES DE UMA TRAJETÓRIA POLÍTICA (1983- 2004).....	24
<i>Folheando imagens: lembranças registradas.....</i>	<i>26</i>
7. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	29
8. FONTES DE PESQUISA	31
9. REFERÊNCIAS.....	32

**FELISMINA MARIA FREIRE:
ENTRE O PARTEJAR E A EDILIDADE NA SOCIEDADE MONTADENSE
(1983-2004)**

Vanuza de Oliveira Barbosa*

RESUMO

O presente artigo tem como objetivo compreender quem foi Felismina Maria Freire na sociedade montadense através da identificação de sua atuação tanto no ofício de partejar, quanto na área política. Para tanto, nos valem dos mecanismos da História Oral, através da análise de trechos de entrevistas concedidas por ex-parturientes, bem como, análises de fontes documentais – Leis Municipais, Ata de Sessão – e, ainda, fotografias do acervo particular da supradita senhora. No que concerne à discussão teórica, esta pesquisa dialoga diretamente com as proposições da biografia histórica, nos termos apontados por Bourdieu (2006) e se apropria do conceito de memória coletiva de Halbwachs (1990).

Palavras-chave: Edilidade. Partejar. Sociedade montadense.

ABSTRACT

The present article have a purpose to understand who Felismina Maria Freire was in montadense society through identification of their performance both in midwifery profession and in the political area. For that, we used the mechanism of Oral History through the analysis of excerpts from interviews given by ex parturients, as well, analysis of documentary sources – Municipal Laws, Minutes of Session – and photographs of that gentleman's private collection. About the theoretical discussion, this research dialogues directly with the propositions of the historical biography in terms pointed out to Bordieu (2006) and appropriates the concept of collective memory by Halbwachs.

Keywords: Edility. Midewifery. Montadense society.

*vanuzadeoliveira1989@hotmail.com

1. INTRODUÇÃO

No texto intitulado *A ilusão biográfica*, o sociólogo francês Pierre Bourdieu concebe reflexões acerca da inserção dos relatos de vida no universo científico, notadamente, como narrativas próprias do historiador ou romancista – quando das categorias de biografia e autobiografia, respectivamente.

O gênero biográfico no campo do conhecimento histórico não se configura como nova tendência, embora tenha assumido contornos que o diferem das narrativas encetadas ao longo do século XIX¹. Assim, no interior de diversas correntes historiográficas recentes² o interesse pelo relato de trajetórias individuais se estende à categoria de pessoas comuns, conferindo-lhes dignidade histórica.

Antes, porém, de ser inscrito como sujeito histórico nas linhas de uma narrativa biográfica, o indivíduo possui uma marca de existência que o difere de qualquer outra pessoa no mundo, a saber, seu próprio nome. É Pierre Bourdieu quem evidencia o nome próprio como instituição identitária do indivíduo biológico:

Por essa forma inteiramente singular de *nominação* que é o nome próprio institui-se uma identidade social constante e durável, que garante a identidade do indivíduo biológico em todos os campos possíveis onde ele intervém como *agente*, isto é, em todas as suas histórias de vida possíveis (BOURDIEU, 2006, p. 186).

Nesse sentido, enquanto atestado de identidade social, o nome próprio abrange todas as manifestações da individualidade de seu portador, as quais se refletem na pluralidade das categorias em que esse – enquanto sujeito múltiplo e fracionado – pode ser enquadrado.

Além da abertura em relação ao sujeito/objeto a ser biografado, o referido gênero se renova conceitual e metodologicamente, adotando uma postura que permite a crítica à história, bem como, maior proximidade e diálogo com a antropologia, haja vista, “[...] abordar o papel dos símbolos sociais, da subjetividade e da memória”, conforme assinalado por Oliveira e Oliveira (2015, p. 170).

¹ Voltadas excepcionalmente às grandes personalidades, cuja dimensão da existência pessoal pertence à ordem universal. A respeito, ver: OLIVEIRA, Priscila Musquim Alcântara; DE OLIVEIRA, Alexandre Luís. *Sedução e desafios da biografia na história*. Faces de Clío, v. 1, n. 1, p. 168-180, 2015. Disponível em: <<http://www.ufjf.br/facesdeclio/files/2014/09/1.10.Artigo-Priscila-e-Alexandre.pdf>> Acesso em 14 de maio de 2020, às 02h30min.

²SHMIDT, Benito Bisso. O gênero biográfico no campo do conhecimento histórico: trajetórias, tendências e impasses atuais e uma proposta de investigação. Anos 90, Porto Alegre, v. 6, p. 165-192, 1996. Disponível em: <<https://seer.ufrgs.br/anos90/article/view/6178/41475>> Acesso em 13 de maio de 2020, às 19h36min.

Pautados pelas considerações expostas, pontuamos que a discussão encetada ao longo do presente artigo dialoga diretamente com as proposições da biografia histórica, haja vista, tratar-se do relato da vida de um indivíduo que, a despeito de ser comum, tem representatividade histórica na circunscrição de um local: o município de Montadas, localizado no Agreste paraibano.

Nas esferas públicas da referida cidade, Felismina Maria Freire é um nome que constitui memória concreta, batizando o nome de uma rua³ e do Auditório⁴ do prédio da Secretária Municipal de Saúde. Nos lares de muitas famílias montadenses, a simples menção ao supradito nome próprio evoca lembranças que despertam sentimento de gratidão.

Mas, afinal, quem foi a mulher por trás nome? O que fez para merecer tais homenagens na sociedade local? Que traços de sua personalidade ficaram marcados nas lembranças de quem a conheceu? Foram esses os questionamentos norteadores de nossa investigação, cuja justificativa consiste em fazer “justiça histórica” à sua memória⁵.

Para responder as supracitadas questões nos valem os mecanismos metodológicos da História Oral, por meio da exposição e respectivas análises de trechos dos depoimentos concedidos por populares locais cujas memórias entrelaçam-se às de nosso sujeito/objeto de pesquisa. No tocante às fontes, fizemos uso do aporte documental disposto no site da prefeitura municipal de Montadas e da Câmara Municipal⁶. Tivemos acesso, ainda, ao acervo fotográfico particular de Felismina, do qual destacamos nove imagens para análise ao longo de um tópico específico de nossa narrativa.

No concernente ao referencial teórico, além das literaturas pertinentes ao gênero biográfico no campo historiográfico – já mencionadas – nos orientamos pelos textos de autores que versaram sobre temas compatíveis às categorias as quais Felismina pertencera. Assim, para nos familiarizar com as crenças e costumes próprios do ofício de partejar, nos apoiamos nas sensíveis escritas de Maia (2013) e Souza (2017); já para pensar a mulher no âmbito da política paraibana, observamos o trabalho de Silva (2014).

³ Lei Municipal nº 502/2019. Disponível em: <http://www.montadas.pb.gov.br/pdf/109b17d9c8ed5a354bd69dc559b7a3c2.pdf>> Acesso em: 14 de maio de 2020, às 16h19min.

⁴ Lei Municipal nº 512/2019. Disponível em: file:///C:/Users/vanuza/Downloads/publicado_61824_2019-11-12_8ce223d2d46ae856b2f46d54603ec996.pdf> Acesso em: 14 de maio de 2020, às 05h51min.

⁵ A necessidade de conferir historicidade ao nome de Felismina se acentuou quando do acesso ao *blog* do município de Areial/PB, nos deparamos com uma matéria que denunciava uma informação errônea publicada na página 10 da edição do mês de fevereiro de 2013, no Jornal A Gazeta da Paraíba, destacando Seilândia Basílio (PSB) como a primeira mulher a presidir a Câmara Municipal de Montadas. A despeito de não termos encontrado a referida edição, disponibilizamos o link da fonte. ESQUENTA PARAÍBA. *Jornal erra ao afirmar que Seilândia Basílio seria a 1ª mulher a presidir a Câmara de Montadas*. Disponível em: <http://esquentaparaiba.blogspot.com/2013/02/jornal-erra-em-afirmar-que-seilandia.html>> Acesso em 14 de maio de 2020, às 16h20min.

⁶ Leis municipais e livro de Atas, respectivamente.

Ressaltamos que nossos esforços, quando da feitura deste trabalho, se concentraram em identificar elementos correspondentes às duas dimensões da vida de Felismina que a tornaram uma pessoa pública na sociedade montadense. Assim, as fontes de que dispomos nos possibilitam limitar nossa narrativa ao recorte temporal de 1983 até 2004.

Pontuamos, ainda, que em virtude da natureza desta produção acadêmica – um artigo – não constituiu nossa intenção encetar uma discussão aprofundada sobre gênero. Contudo, a temática em questão atravessa toda a nossa narrativa, desde o título até os tópicos e subtópicos que compõem a estrutura do presente trabalho.

Antes de percorrermos a trajetória de Felismina, conheçamos o palco principal de sua atuação pública...

2. DEMARCANDO O LUGAR: MONTADAS FÍSICA, POLÍTICA E HISTORICIZADA

O município de Montadas ocupa uma área territorial de 32km², estando a uma altura média de 750m acima no nível do mar, o que a qualifica como a 5^a cidade mais alta da Paraíba e a 49^a do Brasil. Localizado na Mesorregião Agreste e Microrregião de Esperança, dista 137km de João Pessoa e 25km de Campina Grande, limitando-se, ao Norte, com a cidade de Areial; ao Sul, com Puxinanã; ao Leste, com Lagoa Seca e a Oeste, com Pocinhos.

A cidade em questão possui uma densidade demográfica de 194,97 hab./km², com população estimada, segundo dados do IBGE, de 5.669 pessoas. De acordo com Santos (2017) em 1991 a população montadense – composta por 3.836 pessoas – era, sobremaneira, rural, e sutilmente masculina. Tal quadro se inverte no ano 2010, quando a população feminina crescera sensivelmente, ultrapassando àquela, conforme exposto na tabela a seguir:

Tabela 1- População de Montadas por Gênero, Rural/Urba

População	População 1991	% do Total (1991)	População (2000)	% do Total (2000)	População (2010)	% do Total (2010)
População total	3.386	100,00	3.969	100,00	4.990	100,00
População residente masculina	1.922	50,10	1.990	50,14	2.482	49,74
População residente feminina	1914	49,90	1.979	49,86	2.508	50,26
População urbana	1.500	39,10	1.966	49,53	3.156	63,25
População rural	2.336	60,90	2.003	50,47	1.834	36,75

Fonte: PNUD, IPEA e FJP. Disponível: http://www.atlasbrasil.org.br/2013/pt/perfil_m/montadas_pb.

No que concerne às atividades econômicas, na década de 1980 o cultivo da batata inglesa teve forte expressão comercial. À época, Montadas abastecia os mercados locais da região Agreste, chegando a atender, inclusive, o estado de Pernambuco, com o auxílio de atravessadores. Segundo estudos de Santos (2017), no de 2004 a agricultura familiar, integrada à agroindústria montadense, iniciou o processo de adesão à avicultura. Posteriormente, e durante menos de uma década – 2007 a 2013 – a produção de Fumo em folha teve lugar na economia da cidade em questão.

No tocante aos aspectos históricos⁷ do supracitado município, sabe-se que o território que lhe corresponde fora comprado ao capitão Floripes Coutinho por 200 mil réis, em 1902, por Antônio Flor de Araújo e vendido quinze anos depois, por um 1 conto. O comprador, Manoel Cirino Lira, doou as terras para parte de sua família e fundou a Vila de Montada, que teve sua primeira missa celebrada no dia de Natal de 1930.

As terras da supradita Vila pertenceram a Campina Grande até 1944, quando o então prefeito Vergniaud Borborema Wanderley doou-as para a cidade de Esperança, da qual se fez independente aos 14 dias de outubro de 1963, pelos esforços do emancipador Antônio Veríssimo de Souza. No que concerne às origens do nome do município, as narrativas oficiais – disseminadas em sites que versam sobre a história da cidade – asseveram:

⁷ O que se sabe sobre a história do município é o que consta nas narrativas oficiais dispostas no site da Prefeitura Municipal e alguns blogs da região, não havendo, ainda, produções acadêmicas nesse sentido.

O nome Montadas foi dado pelos vaqueiros que campeavam com o seu gado no passado. O gado se perdia na vegetação e os vaqueiros não conseguiam encontrá-los. Eles alegavam que o gado tinha ficado amontoados na “Montada”, que era um pequeno tanque de água fechado pela mata densa, onde matavam a sede. Daí, o Distrito de Montada passou a ser a cidade de Montadas, ganhando um acréscimo de um (S) na sua independência (PARAÍBA TOTAL, 2014).

A despeito da citação acima afirmar que o acréscimo do “s” se dera apenas quando da elevação daquele distrito à categoria de cidade, nas Atas das Sessões da Câmara Municipal de Esperança do ano de 1953 – ou seja, dez anos antes da independência política – Montadas já aparece no plural, o que nos leva a questionar a veracidade das fontes. Observemos um trecho da Ata da 5ª Sessão Extraordinária da Câmara Municipal de Esperança/PB, do ano de 1953, página 16:

Em seguida, o Sr. Presidente declarou, que a finalidade da presente reunião, era tão somente, protestar mais uma vez, frente à Assembléia Legislativa do Estado, pelo fato de, Pocinhos, que quer constituir-se município, querer tomar do de Esperança, uma boa faixa de terra, compreendida no distrito de Montadas [...]

Atribui-se, recorrentemente, ao Sr. Antônio Veríssimo a adoção do nome Montadas – no plural – em razão de sua consideração particular de que o termo anterior “Montada” soava vulgar. Nenhuma das fontes consultadas esclarece o motivo de tal consideração por parte do referido senhor, de modo que podemos, tão somente, deduzir se tratar do cariz selvagem que o termo denota; elemento incompatível ao progresso pretendido para o neófito município.

Primeiro prefeito eleito (em 1964) – como candidato único, diga-se de passagem – pelo Partido Social Cristão (PSC), Antônio Veríssimo de Souza teve especial relevância na vida de Felismina, tendo sido à época da terceira gestão daquele a estreia dessa na política montadense, pelo Partido Democrático Social (PDS), a corroborar à íntima ligação de nossa personagem com as primeiras décadas da cidade (emancipada).

3. PRIMEIRAS LINHAS SOBRE FELISMINA MARIA FREIRE

Felismina Maria Freire, natural do município de Esperança, agreste paraibano, nasceu em março de 1933. Filha de agricultores, casou-se com Antônio Freire, com quem teve vinte filhos, dos quais, cinco estão vivos. Não tendo tido oportunidade de estudar, encontrou no ofício de partejar a possibilidade de, gradativamente, melhorar sua vida e, conseqüentemente, daqueles que a rodeavam. Embora não se possa afirmar com exatidão os anos que delimitam o primeiro e último parto que fizera, familiares contam que o tempo de maior atuação daquela

se deu entre as décadas de 70 e 90 do século XX, contemplando as cidades de Montadas – na qual sempre vivera – e Areial, município vizinho e coirmão.

Quando de seu falecimento, no ano de 2013, um de seus netos encontrou, em sua bolsa de parteira, mais de 100 caroços de feijão, ao que deduziu se tratar da contagem de crianças que ajudara vir ao mundo, já que a própria Felismina costumava mencionar esse número para se referir à quantidade de partos que fizera. Dos grãos encontrados, dois se diferenciavam dos demais pela cor, representando, provavelmente, o parto de um casal de gêmeos.

É perceptível, nas linhas expostas, a astúcia daquela mulher que, a despeito de saber somente assinar o próprio nome, preocupou-se em “registrar” para si – ou ao menos tentar – da singular maneira que lhe foi possível, esse capítulo de sua história, cujas memórias, nem mesmo o mal de Alzheimer – que a vitimou nos últimos anos de vida – fora capaz de apagar completamente. Pelo contrário, parece tê-lo evidenciado no quadro de suas melhores e mais felizes lembranças.

A esse respeito, o fotógrafo Kleyton Freire⁸ nos conta que, àquela altura da vida, sua avó vivia relembando seus tempos de parteira, havendo dias em que – pensando ter feito algum parto – o chamava para acompanhá-la à casa de alguma família, no intuito de batizar a criança. Se as marcas daquele ofício se eternizaram na fala de Felismina mesmo quando os nomes e semblantes de suas comadres e afilhados/as já não eram tão claros em sua memória, igualmente cristalizadas configuram-se o respeito e gratidão das famílias por ela assistidas num momento de necessidade, bem como, a lembrança de suas feições, afetuosamente recordadas.

A esse exemplo, temos a fala de Maria do Socorro Nascimento⁹, antiga moradora da região que, quando questionada se chegou a conhecer Felismina, assevera: “*Oxe*, conheci. Ela que ‘pegou’ *Verado*, meu irmão. Era uma velhinha, branquinha, baixinha, do cabelo bem estiradinho”. O grau diminutivo empregado nos adjetivos que a senhora Maria usou para descrever fisicamente sua conterrânea, somado à suavidade com que tais palavras foram proferidas, sugerem profundo carinho. Tal sentimento é recorrente ao longo das falas das demais depoentes, misturando-se a outros, anteriormente mencionados.

A despeito de, mormente, se deslocar até a casa das gestantes quando chegado o momento, aquela parteira também abria as portas do próprio lar para recebê-las, conforme nos conta Maria Valdízia da Silva: “A gente *cunvesava pra* quando *tiver* perto de *ganhá* ser ela,

⁸ Em conversa via Direct Message (Instagram) em 16 de abril de 2020.

⁹ Reside, atualmente, no Bairro do José Pinheiro, em Campina Grande/PB, tendo vivido a primeira década de seus 51 anos na cidade de Montadas. Entrevista concedida ao autor em 27 de março de 2020.

pronto, quando entrava em trabalho de parto *aí* ela já dizia ‘Vá *durmi* comigo!’ Se adoecesse *tava mais* ela já”. Ainda nesse sentido, a senhora Nalva – presente no momento em que entrevistamos Maria Valdízia – assevera: “Na casa dela, é... tinha já alguns quartos reservados *pra* mulher. Ganhava neném e ainda ficava lá, *né?* Uns dias lá, *pra* se recuperar *pra* primeiro ir pra casa”.

Quando questionada acerca dos procedimentos utilizados por Felismina, quando do parto, Maria Valdízia nos conta: “Do mesmo jeito que meu *caçula!* Foi em São Paulo, Valter, *aí* do mesmo jeito foi”¹⁰. A despeito de não informar detalhadamente a atuação da parteira, a depoente em questão, por meio de comparação, assemelha seu trabalho àquele realizado pelo médico que fez nascer seu último filho. Tal assertiva nos leva a questionar como, sendo uma mulher cuja infância de dificuldades não permitira o acesso à educação formal, Felismina desenvolveu a prática parturitiva?

Para responder essa inquietação, faz-se necessário trazer à baila outra figura da história montadense, tão bem lembrada quanto Felismina e que teve participação especial em sua trajetória.

4. NASCIMENTO DE UMA PARTEIRA: ZEFA TAVARES, ESCOLA VIVA DE FELISMINA

A despeito de não haver frequentado – formalmente – instituições de formação obstetrícia, Felismina aprendeu o ofício de partejar com quem tinha larga experiência, a saber, Dona Josefa Tavares da Costa, conhecida popularmente na comunidade local como Zefinha Tavares ou madrinha Zefinha. De acordo com familiares, naqueles tempos difíceis, Josefa deu à Felismina uma oportunidade de ouro, levando-a para um Posto de Saúde¹¹, na cidade de Campina Grande, no qual recebera um pequeno tipo de curso prático.

Nascida em setembro de 1931, Josefa era uma das seis filhas dos agricultores Cícero Tavares de Moraes e Maria das Dores Souto, moradores de São Sebastião de Lagoa de Roça. Casou-se com o senhor José Manoel da Costa – mais conhecido como “Seu Cazuzá” – com quem teve treze filhos, dos quais, oito estão vivos.

Parteira diplomada, formou-se na maternidade Cândida Vargas, em João Pessoa, tendo trabalhado nas maternidades Elpídio de Almeida, em Campina Grande; e São Francisco de Assis, em Esperança. No cordel intitulado *História do que foi e o que é Montadas*, de 1966 – escrito por Antônio Veríssimo de Souza e rimado por Renovato Gonçalves de Lima – o nome

¹⁰Trecho da entrevista concedida na noite de 10 de março de 2020.

¹¹A família não soube informar o nome do posto, tampouco, o ano.

de Josefa pousa com destaque, contando com duas estrofes que inserem sua lida nas linhas que compõem a história do recém-emancipado município, conforme veremos:

Dona Josefa Tavares
Esta distinta senhora
Nos casos de Parturientes
Ela atende qualquer hora
Seja perto ou seja longe
Ela age sem demora

Além de pontuar a agilidade da distinta parteira, o supracitado cordel nos permite conhecer dados pontuais sobre sua carreira, a saber, datas de nomeação e posse do cargo. Observemos:

A 10 de 12 de 1959
Data que foi nomeada
Parteira Estadual
E sete de janeiro empossada
Prestando seu compromisso
De parteira diplomada

A época em que fora diplomada coincide com a criação e instalação, por meio da Lei Estadual nº 2.035/1959, do primeiro Posto Estadual de Saúde de Montadas, quando essa configurava-se, ainda, como distrito de Esperança. Tal iniciativa partiu do Sr. Antônio Veríssimo, cujos esforços se concentravam na emancipação daquele povoado. Aliás, a indicação para que Josefa fosse reconhecida como parteira também adveio dele, a sinalizar que a predecessora de Felismina já dispunha de certo prestígio.

Não dispomos de fontes que comprovem o tempo de atuação de Josefa, tampouco, o número de partos que fizera; o que existe são especulações de que muitos dos montadenses nascidos entre 1959 e 1980 vieram ao mundo pelas suas mãos, inclusive membros de sua própria família. Célia Maria da Silva, de 55 anos, sobrinha da referida senhora, afirma que sua mãe nunca pariu em maternidade, pois os partos de todos os vinte e um filhos que tivera foram feitos pela irmã.

Dona Josefa faleceu em janeiro de 2004, em decorrência de um Acidente Vascular Cerebral. Nos últimos oito anos de sua vida, inscreveu seu nome na política montadense, ocupando a vice-presidência da Casa Legislativa Manoel Fernandes da Silva entre 1997 e 1998, época de seu primeiro mandato como vereadora pelo Partido de Frente Liberal (PFL).

O convite para ingressar na política local foi realizado pelo ex-prefeito, José de Arimatéia Souza e, a atuação parlamentar de Josefa consistiu, basicamente, na continuidade

da política assistencial voltada às pessoas mais carentes. Aliás, tanto Josefa quanto Felismina foram alçadas à edilidade por autoridades políticas locais ao tempo em que já dispunham de prestígio nas comunidades em vista da prática parturitiva.

Tal assertiva nos permite compor um retrato de certas redes de poder que, de forma maniqueísta, buscavam na popularidade das parteiras um recurso de manutenção do próprio poder. Ademais, retrata como a população de Montadas refletia essas estratégias, recebendo-as de bom grado e elegendo alguém de “dentro de casa”, posto que, tais personalidades partilhavam a intimidade do nascer.

Na imagem subsequente, que registra o efetivo ingresso de Josefa Tavares¹² na política montadense, no ano de 1997, observamos as duas parteiras – expoentes do mundo das comadres – num cenário eminentemente masculino:

Imagem 1 - Cerimônia de posse, Montadas, 1997



Fonte: Arquivo pessoal de Messias Freire digitalizado pela autora em 2020.

Se comparada à Felismina, Josefa entrara tardiamente na vida política, nela permanecendo por dois mandatos. O fim do segundo, por sua vez, coincidiria com o falecimento da referida senhora. Em reconhecimento pelos serviços prestados à comunidade montadense, Josefa Tavares teve seu nome eternizado numa das praças, bem como, na Unidade Básica de Saúde locais, pelas Leis Municipais nº 324/2006 e nº 419/2014, respectivamente.

Mais que nos locais públicos, Dona Josefa vive na memória popular e na história de sua aprendiz, de modo que, não se pode falar de uma sem se recordar da outra. Tal afirmativa é claramente perceptível nos discursos de nossas depoentes quando, involuntariamente, no meio das respectivas lembranças sobre essa, acabam por evocar o nome daquela. Ressalte-se,

¹²Na fotografia em questão, Josefa Tavares é a mulher mais alta. Ela aparece entre os vereadores de calça cinza e camisa branca, respectivamente.

pois, que a maneira como concebem suas falas acerca daquelas não indica nenhum grau de comparação entre elas, de modo que, aparecem sempre em pé de igualdade.

A exemplo, temos a fala de Maria do Socorro Nascimento que, ao ser questionada sobre a quantidade de parteiras que conhecia à época em que morou em Montadas, afirma:

Zefa Tavares e Felismina. *Sivirina* Jeto era uma curiosa. Era do sítio a *Sivirina*. Uma curiosa daquelas que *aprende* uma com as *ôta* e quando *tava* no sufoco *os* marido ia buscar elas, que Zefa Tavares não *tava* nem Felismina. Felismina e Zefa Tavares *era* as *famosa* dali. Aquele pessoal dizia assim ‘Vai buscar Zefa Tavares ou Felismina’, era como que elas *fosse* umas *chefona* dali de Montadas. Só tinha elas duas mesmo.

Temos por certo o fato de que Josefa e Felismina não eram as únicas parteiras da localidade. No entanto, eram consideradas as mais famosas dali, em detrimento das demais, tomadas, no mais das vezes, por *curiosas*, a quem se recorria em último caso. A maneira como Dona Maria do Socorro concebe a parteira curiosa corrobora os dizeres de Loyola *apud* Maia (2013, p. 58), o qual considera que “parteira curiosa é a ajudante da parteira, simples auxiliares e sem verdadeira competência, às quais são requisitadas quando há impossibilidade de se encontrar a parteira”.

Ainda nos estudos encetados por Maia (2013), encontramos apontamentos sobre a terminologia parteira *curiosa* que, para a OMS, abrange as parteiras tradicionais, leigas, isentas de nível educacional formal/oficial; ao passo que, para os populares, além da ausência de formação acadêmica, as curiosas não têm experiência do saber prático de acompanhar partos. Tal interpretação, provavelmente, se justifique pelo fato de se tratarem – na perspectiva de nossa depoente – de parteiras examinadas, a saber, que tiveram algum tipo de estudo.

Ao questionarmos a referida entrevistada sobre a natureza dos remédios passados pelas parteiras em questão, obtivemos a seguinte resposta: “Era remédio de farmácia, *oxe*, ela era como uma *dotôra*, daquelas *dotôra* mesmo que as *mulhé* só *morria* se fosse a hora *mermo*”. Inferimos, dessa feita, que na mentalidade popular, o fato de ministrarem remédios industrializados conferia àquelas mulheres *status* diferenciado, sugerindo conhecimento científico.

Mestre e aprendiz tinham muito em comum. Além do ofício de partejar, ingressaram na política local, como já mencionado – nessa categoria, a aprendiz foi pioneira e teve maior atuação, conforme veremos posteriormente. Ademais, a parceria prevaleceu, de modo que, no mais das vezes, os registros visuais de que dispomos das duas juntas datam desse período de suas vidas. Observemos:

Imagem 2 - Encontro político na cidade de Esperança



Fonte: Arquivo pessoal de Messias Freire digitalizado pela autora em 2020.

Na fotografia¹³ acima, Felismina e Josefa aparecem ao lado de personalidades da política local, dentre as quais destacamos os, então, Deputado Federal e Prefeito Municipal, Álvaro Gaudêncio Neto e José de Arimatéia Souza, respectivamente. Percebe-se, na supradita imagem, um cenário – mormente – composto por figuras masculinas, no qual nossa dupla figura como as únicas presenças femininas, que se encontram de mãos dadas, a demonstrar afeto e profunda aliança.

A despeito do contexto político em que o registro foi feito – na cidade de Esperança, quando da visita do governador da Paraíba, conforme sinalizam os letreiros da faixa¹⁴ – a imagem em questão, nesse momento de nossa narrativa, foi escolhida em vista do detalhe que reforça a parceria anteriormente mencionada, qual seja, as mãos – que “pegaram” tantos recém-nascidos – unidas, entrelaçadas.

Tal gesto simbólico se repete num outro momento capturado, conforme exposto na imagem abaixo:

¹³Alguns detalhes sinalizam que o registro fotográfico acima foi feito entre os anos 2001 a 2003: as presenças de José de Arimatéia e Josefa Tavares sugerem que o período se trata dos seus respectivos segundos mandatos, que se dera entre 2001/2004. Levando em conta o falecimento daquela, em janeiro de 2004, reduzimos o possível recorte temporal.

¹⁴A mensagem da faixa diz o seguinte: “Governador, Esperança se orgulha de tê-lo como filiado”.

Imagem 3 - Registro feito em frente ao Colégio Municipal Erasmo de Araújo Souza, em Montadas



Fonte: Arquivo pessoal de Messias Freire digitalizado pela autora em 2020.

Na imagem em questão, Josefa – trajada elegantemente como um vestido verde – e Felismina posam de mãos dadas ao lado de populares. No que concerne ao contexto em que o registro foi feito, aparentemente, se trata do dia de uma cerimônia de posse, haja vista, que esse tipo de evento costumeiramente ocorria no chamado Auditório Azul da Escola Municipal.

Ao longo desse tópico de nossa narrativa, fizemos uma breve apresentação da mulher que se configurou como incentivo e inspiração para que Felismina aprendesse e assumisse o ofício de partejar. Destarte, percebe-se que, para além da relação entre mestre e aprendiz, havia entre elas parceria política e uma amizade que levaram por toda a vida, de modo que, a proximidade dessas mulheres transcendia as aparições públicas nos referidos eventos, se estendendo à vivência familiar e carinho mútuo.

Josefa foi, na vida de Felismina, um feliz acaso, instrumento através do qual essa tocara muitas vidas, deixando impressas mais que suas digitais, marcas que pertencem ao campo do sensível em suas noções mais subjetivas. No sentido de identificar tais impressões, nos debruçaremos, doravante, sobre os relatos de algumas mulheres auxiliadas por Felismina na hora do parto.

5. MEMÓRIAS DE COMADRES: LEMBRANÇAS PARIDAS

Num momento anterior do presente trabalho, mencionamos quanto carinho Felismina nutria por esse capítulo de sua história; sentimento esse que sobrevivera mesmo quando a memória – comprometida pelo Alzheimer – lhe faltou. Contudo, as lembranças daquela parteira não se perderam, de todo, com sua partida para a eternidade, haja vista, não serem somente suas, mas também das parturientes por ela auxiliadas.

Tal assertiva corrobora o pensamento do sociólogo francês Maurice Halbwachs que, mediante o conceito de memória coletiva, assevera:

Mas nossas lembranças permanecem coletivas, e elas nos são lembradas pelos outros, mesmo que se trate de acontecimentos que só nós estivemos envolvidos, e com objetos que só nós vimos. É porque, em realidade, nunca estamos sós, não é necessário que outros homens estejam lá, que se distingam materialmente de nós: porque temos sempre conosco e em nós uma quantidade de pessoas que não se confundem (HALBWACHS, 1990, p. 26).

Certamente, cada comadre carrega, em si, um traço de Felismina; lembranças que, misturada as fortes contrações que anunciam a chegada do filho, deram à luz uma ou outra face de sua personalidade. A despeito de sabermos que tais recordações não se limitam ao momento do parto, optamos, ao longo desse tópico da narrativa, por nos ater, especificamente, às lembranças que remetem àquele. Considerando que as memórias dessas mulheres constituem discursos capazes de compor a história da parteira em questão, traremos à baila os depoimentos de três comadres: Valdízia, Detinha e Edileuza, respectivamente.

Nosso intuito, quando da disposição dos relatos colhidos, é perceber como Felismina reagia frente aos imprevistos, como lidava com as parturientes e de que maneira ficou marcada na vida daquelas. Tais relatos foram escolhidos por uma razão, cada um deles, mesmo se tratando de um momento em comum de suas vidas – a hora do parto – tem sua especificidade, traz algo de singular, de modo que, cada comadre entrevistada, teve especial importância.

No tocante à ordem de apresentação das comadres no decorrer deste tópico, se justifica pelo sentido “imaginário” que cada experiência relatada desenha: movimento que parte do interno, para o externo; de dentro para fora; força geradora de sentido que, ao expulsar, acolhe; tal qual o ato de parir.

A Feli(z)mina de Comadre Valdízia

A primeira comadre já foi mencionada¹⁵ ao longo de nossa narrativa. Trata-se de Maria Valdízia da Silva, de 59 anos, mãe de três filhos, dos quais, dois nasceram pelas mãos de Felismina. Dos depoimentos colhidos, o relato de Valdízia, certamente, configura-se como o mais leve, compartilhado entre risos e notável saudosismo.

Aliás, a lembrança que se relatará aqui é famosa entre as amigas dessa comadre, tendo sido por intermédio de uma delas a iniciativa de entrevistá-la. Na ocasião, colhíamos o

¹⁵De seu depoimento, extraímos a informação de que Felismina costumava abrir as portas de sua casa para acolher as gestantes quando o momento do parto se aproximava.

depoimento de Dona Ednalva Brito¹⁶ – amiga de Felismina e “afilhada de umbigo” de Josefa Tavares – quando, a certa altura de sua fala, essa recordou-se de que sua vizinha costuma contar uma “história engraçada” acerca de um parto feito por aquela.

Na sala de sua casa, à hora da janta, Valdízia nos recebeu com alegria, aceitando sem reservas o convite para dar “uma palavrinha” sobre Felismina. Quando questionada sobre a personalidade de sua comadre, nossa depoente pontuou: “Ela era legal!”. Em seguida, emendou o seguinte relato:

De Leandro eu me lembro que eu fui de tarde pra ela me examinar, *ái* ela já disse ‘já venha *durmir* comigo’. *Ái* eu fui. *Ái*, deixa que o filho dela chamado Messia, solteiro, tinha chegado de São Paulo. *Ái*, ligou o som, botou *Gretchi*, ‘Conga ra Conga¹⁷’. *Ái* ele ia sair, *ái* eu disse: “Ah, *Messia*, *mim insina* aqui, *comé* que liga isso aqui”, *ái* ele *insinou*, *ái* eu comecei me rebolar, que eu dançava, ia até embaixo, dançando “Conga ra Conga...” (cantando). Subia e *discia*, subia e *discia*, *ái* quando *dá fé* *cumeçava as dô*, *ái* digo “chega *cumade*, é agora!” (risos), *ái* ia pra cama, ia pra cama e nada. *Ái* digo “volta!”. Levantava e *digo* “Bota *Gretchi* de novo!” (risos). *Ái*, pronto!

A peculiaridade do depoimento de Valdízia não está, exatamente, no fato dela ter dançado Gretchen nos intervalos das contrações, mas no que isso sugere sobre quem a hospedou. A descontração permitida em meio às dores do parto, bem como, a liberdade que a parturiente desfrutara na casa da parteira são indicadores de que, ali, havia um clima de amizade, intimidade inexistente na frieza dos hospitais, onde o saber institucionalizado repudia maior contato entre parturiente e obstetra, tornando o parto não um momento que recheia a memória feminina, mas uma lembrança que não evoca bons sentimentos.

Outro ponto digno de nota é o fato de que, em Valdízia, não é a parteira que vai ao encontro da parturiente. Aqui, o movimento é inverso. São as portas da casa de Felismina que se abrem para acolher efetiva e afetivamente a jovem mãe. Cabe ressaltar, ainda, que o vínculo entre as duas não se formara à época do parto de Leandro, mas dois anos antes, quando aos dezoito, pelas mãos de Felismina, Valdízia deu à luz sua filha Lucinéia¹⁸.

Inferimos que a leveza que antecede o parto relatado se deve, além da proximidade entre as comadres, à experiência da parturiente. É sabido que cada gestação é única e, como tal, inspira cuidados, mas, certamente, auxiliar o parto de uma mãe “de primeira viagem” –

¹⁶Além de sugerir a colaboração de Valdízia para esta pesquisa, Nalva se prontificou em acompanhar-nos, de imediato, à casa da amiga, de modo que, a entrevista ocorreu espontaneamente, sem data ou hora agendadas.

¹⁷*Conga Conga Conga* foi um *single* lançado em 1980. Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Conga_Conga_Conga> Acesso em 03 de maio de 2020, às 15h49min.

¹⁸Lucinéia nasceu em 1981; Leandro, em 1983.

como se diz popularmente – constitui uma tensão mais acentuada (para a parteira) do que estar diante de uma mulher que já vivenciou aquele evento.

Para além de um ato de generosidade, acolher¹⁹ a gestante em casa pode se configurar como uma estratégia utilizada por Felismina para a otimização do próprio tempo, posto que, sem a necessidade de se deslocar até a residência daquela, a parteira poderia cuidar das demais obrigações cotidianas, tendo a parturiente sob sua vista. Isso fica implícito no trecho do relato acima, quando, ao sentir contrações, Valdízia afirma que chamava: “[...] chega, *cumade*, é agora!”.

A despeito de revelar, em seu depoimento, uma Felismina divertida e jovial, capaz de dosar sabiamente brincadeira e seriedade, Valdízia nos conta que sua comadre – na época, aos 50 anos – apresentava algum problema de saúde que atingia suas forças, a incapacitando de partejar sozinha. Observemos:

[...] só que teve um *pobrema*, *dissero* que ela já nessa época ela *tava com pobrema* como que *num* tinha força, a sorte foi que ela mandou Francisca, Luisa de Dona Francisca, *ai* foi chamar madrinha Zefinha, que só ela *só num* deu conta não com Leandro, disse que ela já era doente, *ai* pronto, *ai* foi as *duis*, foi ela e madrinha quando veio, madrinha Zefinha.

Nesse trecho, dois movimentos simbólicos acontecem: aprendiz e mestre unem forças para trazer ao mundo mais uma vida; e, à tríade parteira, parturiente e nascituro, é somado um novo membro: a madrinha da mãe, a ponto de tornar-se, também, sua comadre. Um encontro de gerações, conjugando o verbo parir...

Fica claro, ainda, que Felismina recorreu à ajuda de Josefa não por conta de uma complicação do parto, mas em vista de uma enfermidade que lhe reduzira as forças. Esse dado demonstra que a mecânica do parto domiciliar difere-se do hospitalar, de modo que, no processo parturitivo doméstico, pode acontecer de, além da parturiente, a própria parteira necessitar do uso da força.

Aqui, deve-se levar em conta o fato de que, se nos hospitais – via de regra – as mulheres parem seus filhos deitadas numa cama, um parto doméstico lhe permite a liberdade de escolher a posição em que se sinta mais confortável. De cócoras, sentada num banquinho, ou mesmo em pé, a dinâmica desse parto pode exigir de quem o assiste o uso da força física

¹⁹ Não sabemos os critérios de escolha usados por Felismina para convidar algumas parturientes, em detrimento de outras, para ficar em sua casa quando da proximidade do parto. A princípio, cogitamos a questão da distância, essa hipótese, porém, não se sustenta, haja vista que Valdízia era praticamente vizinha daquela parteira em 1983. Assim, podemos apenas inferir que a justificativa para o nosso qu estionamento leva em conta uma gama de fatores dentre os quais destacamos afinidade e amizade.

para dar suporte à parturiente. Ademais, mesmo a execução de massagens específicas pode ser dificultada em virtude da posição escolhida pela gestante.

Ressalte-se, porém, que Felismina não tinha problema algum em reconhecer que não daria conta de determinados partos. No ofício que abraçara, as vidas em jogo estavam acima da vaidade do saber e, no mais das vezes, a parteira em questão tecia boas relações com os médicos. Respeitando-lhes e sendo devidamente respeitada.

Passemos, agora, à próxima comadre que, no auge de sua inexperiência, recebera Felismina em sua casa, por horas a fio...

Um traço de (Fé)lismina no discurso de Comadre Detinha

O parto doméstico, no dizer de Souza (2017), configura-se como processo concomitantemente socializado e profundamente íntimo. No que concerne, especificamente, às parteiras tradicionais e suas parturientes, esse evento biológico permite a gestação de um vínculo firmado quando do corte do cordão umbilical que, ao separar fisicamente mãe e filho, acrescenta à família, além do recém-nascido, outro membro: a “mãe de umbigo” – ou madrinha – e a comadre. Tal vínculo, não raras vezes, era sacramentado no altar da igreja, quando, em forma de gratidão, os pais davam a criança em batismo à sua parteira.

Na imagem subsequente, um exemplo da efetividade desse gesto simbólico:

Imagem 4 - Felismina e Antônio Freire batizando criança na Igreja São José, em Montadas



Fonte: Arquivo pessoal de Messias Freire digitalizado pela autora em 2020.

Fé e devoção²⁰ são práticas que sempre tiveram lugar no momento do parto, sendo comuns serem feitas promessas as mais diversas no sentido de garantir que mãe e filho

²⁰ No Brasil, essas práticas remontam aos tempos coloniais, nos quais o ato de gerar uma vida dialogava intimamente com o risco eminente de morte. Dessa feita, o parto era perpassado por crenças e gestos simbólicos, formas elaboradas que compunham o cenário do nascer. A respeito, ver: DEL PRIORE, Mary. *História das Crianças no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2010.

sobrevivessem às possíveis complicações próprias daquele evento. Assim, os compromissos com os santos/as de devoção poderiam ir desde eventos passageiros, com data de início e término, a ser pagas pelas crianças a certa altura da vida – como, por exemplo, visitar algum lugar em romaria – até marcas que o recém-nascido levaria por toda a vida.

Nesse sentido, temos o relato de Maria Luzinete Soares²¹ – melhor conhecida como Detinha – cujas dificuldades no momento do parto culminaram no exercício da fé, o que pode ser observado quando, ao questionarmos se o parto havia sido demorado, obtivemos a seguinte resposta:

Demorou, por conta que ficou, era, era, foi, Karcia nasceu, mas *colado*, a placenta ficou *colado*. E era três horas da manhã, *né?* Chovendo. *Aí num* tinha nem como ir pro hospital. *Aí* então ela se pegou-*se* com Nossa Senhora, Nossa Senhora, Santa Rita de Cássia, *aí* graças a Deus deu certo.

A fala da depoente em questão deixa claro sua crença de que a fé que Felismina tinha em Nossa Senhora, Santa Rita de Cássia²², ajudara, sobremaneira, na conclusão positiva do parto, tendo, inclusive, influenciado na escolha do nome da criança. Nesse sentido, Detinha nos relata: “[...] ela ficou comigo porque a menina nasceu e a placenta ficou. *Aí* depois *soltou*, ela fez essa prece²³, *né, pro* nome de Karcia ser Rita de Cássia”. Aqui há um dado importante que demonstra a cultura local em relação aos nomes. Percebe-se que, embora a pronúncia do segundo nome do nascituro obedeça à lógica da devoção, sua grafia indica a necessidade de modernizá-lo. Assim, Cássia é substituído por Karcia.

Além da fé, outros detalhes no depoimento de Detinha nos dão a conhecer aspectos da sociedade montadense de outrora – no mais das vezes, sem transporte para se deslocar até as maternidades mais próximas, nos municípios de Esperança ou Pocinhos – bem como, outros traços da personalidade de Felismina. Ao questionarmos acerca do temperamento daquela parteira na hora do parto, obtivemos a seguinte resposta: “Ela era muito carinhosa, muito paciente, me atendeu muito bem”.

Como indicado anteriormente, a criança nasceu às três horas da manhã. Contudo, desde as oito da noite Felismina se fez presente na residência da parturiente em questão, que

²¹ Detinha tem 69 anos de idade e reside na zona urbana de Montadas. Viúva; tem duas filhas, das quais, a primeira nascera pelas mãos de Felismina, no mês de junho de 1985. Todas as informações foram colhidas em entrevista concedida na tarde do dia 13 de março de 2020, na casa da supradita depoente.

²² Advogada dos casos desesperados; recorre-se àquela Santa diante dos impossíveis.

²³ Maia (2013), em seus estudos sobre as parteiras e o parto numa perspectiva espiritual, assevera – aportada pelos relatos das parteiras com quem conversou – que é comum o uso de orações específicas para cada momento do parto natural, inclusive para *desocupar a placenta*. Os chamados “partos colados”, quando o bebê nascia e a placenta ficava – oferecendo risco à saúde da mãe – configuravam-se como episódios nos quais as parteiras recorriam aos mistérios da fé, por meio de orações e promessas. Ao usar o termo “prece Detinha, se referiu à promessa e não, exatamente, a uma oração.

assevera: “[...] oito horas da manhã eu já comecei a sentir, *né? Aí cumade Filirmina* veio, *aí* fez exame, *aí* disse ‘não, não é agora não’, *aí* oito horas da noite mesmo é que ela ficou o tempo todo”.

Percebemos, dessa feita, que o ofício de partejar, assumido por Felismina, Josefa e tantas outras mulheres cujos nomes e faces não conhecemos, exigia – além de paciência – renúncia e coragem. Ao auxiliar a parturiente àquela hora da noite, a parteira se ausentava do próprio lar, renunciando uma noite de descanso para que a gestante pudesse, enfim, descansar com a filha nos braços, ambas, sãs e salvas.

Vale ressaltar que, diferente de Dona Josefa – contratada pela prefeitura durante algum tempo – Felismina trabalhava informalmente, não cobrando pelos serviços prestados. Assim, no mais das vezes, quando queriam/podiam, as pessoas agradavam-na com uma galinha, batatas, café. Tal prática foi muito importante nos seus primeiros tempos como parteira, quando da infância de seus filhos a família passava por necessidades.

No que concerne à coragem, levemos em conta o fato de que a própria Felismina não dispunha de transporte, de modo que, quando convocada pelas famílias residentes na zona rural, mormente, percorria o trajeto a pé; munida de sua maleta, guarda-chuva/sol e uma dose generosa de disposição. Leve-se em conta o fato de que, a imprevisibilidade, característica do parto natural, não raras vezes, levava Felismina a deslocar-se a longas distâncias para se deparar com um processo de parto que mal se iniciara e que exigiria sua intervenção certa somente algumas horas depois de sua chegada.

Ademais, além do auxílio efetivo como parteira; Felismina ofereceu a Detinha apoio psicológico, por meio de palavras tranquilizadoras, o que foi de extrema importância, principalmente, por tratar-se de sua primeira gestação. Observemos um trecho de sua fala nesse sentido: “[...] dava palavra de força, *tê* coragem que a menina *tava* bem, que tudo ia *da* certo. Foi muito bem, dava muita força ela, a gente assim. E mais assim, eu sem experiência, porque é a primeira, *né? Num* tinha experiência, mas ela ajudou muito, no que pode”.

Percebemos, assim, que as lembranças de Detinha evocam uma Felismina forte na fé que, a despeito de possuir algum²⁴ conhecimento de nível técnico no ofício de partejar, não se

²⁴. Felismina foi levada por Josefa para um treinamento prático num posto de saúde de Campina Grande. A despeito de não podermos afirmar com precisão a formação que obtivera, aos pesquisarmos sobre os possíveis conteúdos de puericultura da época, nos deparamos com a existência de um “livro das parteiras tradicionais” – investimento do Ministério da Saúde quando de um esforço de valorização do trabalho daquelas – no qual as orientações são passadas através de uma linguagem didática. A edição a que tivemos acesso é recente, do ano de 2012, mas chama atenção pela quantidade de imagens (desenhos) que sinalizam sobre a anatomia feminina, contendo, inclusive, cenas de partos. Sobre o conteúdo, propriamente dito, é composto por oito capítulos que versam sobre a sexualidade, reprodução e desenvolvimento da gravidez, trazendo orientações sobre exames que a parteira pode e deve fazer, bem como, possíveis complicações da gravidez, a abortamento e questões voltadas especificamente ao momento do parto. Esse tipo de conhecimento, com imagens – consideradas imorais – impressas, era guardado a sete chaves nas residências daquelas que o possuíam. Tal livro encontra-se disponível em:

<http://bvsmms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/livro_parteira_tradicional.pdf> Acesso em 19 de jun de 2020, às 02h18min.

abstinha de recorrer à intercessão espiritual diante de situações complicadas. É de maneira quase filial que nossa depoente se refere à sua comadre, haja vista, o cuidado de cariz maternal que essa lhe dispensara no momento em que, além do bebê, nascia uma mãe, com todos os medos que a inexperiência e os riscos reais proporcionam.

Encerrando essa parte de nossa narrativa, daremos voz à Edileuza, cujo relato traz a singularidade de uma experiência de parto um tanto mais externa – nem por isso, menos íntima – que o diferencia dos demais...

Dupla assistência: a Felismina Maria de Comadre Edileuza

Dos casos narrados até aqui, a opção pela parteira se deu pela inexistência de maternidade na cidade – somado a falta de recursos para transportar a parturiente até a instituição mais próxima – bem como, pelo prévio acordo entre aquela e a gestante, respectivamente. O caso de Edileuza Ferreira de Lima²⁵, porém, desobedece à lógica, inverte os quadros. Sobre o que teve: transporte de ida e maternidade. Sobre o que não teve: médico.

Contactamos Edileuza através de sua filha, Daniele. Essa, sabendo de nosso interesse em encontrar ex-parturientes de Felismina, nos procurou, identificando-se como afilhada daquela, e indicando sua mãe como possível colaboradora de nosso trabalho. Porém, a iniciativa de Daniele se deu num contexto²⁶ em que a entrevista não poderia acontecer de forma presencial, de modo que, precisamos recorrer às tecnologias que facilitam e permitem a comunicação à distancia.

Tendo sido devidamente informada sobre a natureza da pesquisa, foi pedido à depoente em questão que falasse abertamente sobre Felismina. Atentemo-nos, pois, ao primeiro trecho de sua fala:

Como sempre, os meus *quato* filho, quando foi pra *mim tê* eles é, sempre eu chamava ela pra fazer o exame de toque, ela era uma ótima parteira e, de Daniele, quando eu *adueci* [...] era umas cinco *hora* da *menhã*, foi chamar ela *ái* ela *vei*, fez o exame de toque, a menina já vinha em *camin* de nascer e quando chegou em *Pocinho*, é... não tinha médico, *os* médico tinha saído já *tudim* e só *tava* o enfermeiro na porta, que é o *vigia*. *Ái*, ela foi, *butou* eu pra *dento* eu já nas *última* e ela *pegou* a menina, cortou o *imbigo* e *chamaro* o médico, quando o médico *vei*, *ái* só deu o papel *d'eu* tirar o salário maternidade, mas foi ela que fez tudo. Fez o parto, cortou o *imbigo*, fez de tudo, e eu agradeço muito a ela, aonde ela tiver, eu agradeço muito o que ela fez por mim, ela foi uma ótima parteira *dento* de Montadas.

²⁵ Reside na zona urbana de Montadas, tem 46 anos, e nos relatou sua experiência via áudios, pelo Whatsapp, numa tarde do dia 24 de abril de 2020.

²⁶ Pandemia: Covid19, isolamento social.

Percebe-se na fala de Edileuza que Daniele não teria vindo ao mundo pelas mãos de Felismina não fosse o acaso do destino e que, a referida mulher – a despeito de não ter atuado no parto dos demais filhos – marcara presença em todas as gestações da supradita comadre²⁷. As circunstâncias que a levaram a “pegar” a criança trazem à baila uma Felismina que – antes de precisar entrar em cena (no parto em si) – atuara nos bastidores: viabilizando o transporte da gestante e acompanhando-lhe até a maternidade.

O relato de Edileuza é carregado de singularidades, dentre as quais, destacamos a atuação efetiva de Felismina em duas categorias: a parteira e a vereadora²⁸. Tal fato é mais perceptível em outro momento de sua fala, quando a comadre assevera: “Ela *mim* (sic) levou fez meu parto lá, cortou o *imbigo* (sic), e quando foi pra *mim vim*, ela *mim* ligou dizendo que não tinha um carro pra *mim* buscar, só tinha a F4000, e foi na F4000 que eu *vim* mais ela e Olavo”.

Os cuidados com Edileuza e o bebê não se restringiram ao nascimento da criança. Além de garantir sua volta da maternidade, Felismina fez questão de buscá-las em Pocinhos; atitudes que ficaram marcadas na lembrança daquela mãe. Assim, o sentimento de gratidão, recorrente ao longo dos relatos dispostos, se repete, de modo que, por duas vezes, no decorrer de sua fala, essa comadre enfatiza a qualidade de ótima parteira que era Felismina dentro de Montadas.

A despeito da ênfase dada à atuação daquela como parteira, é notável ao longo da fala de Edileuza que a referida mulher desenvolvia um trabalho social no município, em especial no trecho “Fez o parto, cortou o *imbigo*, fez de tudo [...]”. Ao afirmar que Felismina fez de tudo, essa comadre nos mostra que a “mãe de umbigo” de Daniele não medira esforços para garantir seu bem-estar. Tratava-se, destarte, de uma mulher forte, uma vereadora cuja campanha política era feita diariamente no caminho para as residências das suas parturientes ou a caminho dos hospitais.

6. A VEREADORA: VISLUMBRES DE UMA TRAJETÓRIA POLÍTICA (1983-2004)

O ofício de partejar permitiu à Felismina acessar a intimidade dos lares e, com essa, a percepção da realidade de muitas famílias. Ser bem quista na comunidade local, em vista do serviço que prestava, rendera-lhe o convite – por parte do Sr. Antônio Veríssimo de Souza – a

²⁷ A presença dessa comadre em nossa narrativa representa as tantas mulheres que mesmo não tendo parido com aquela parteira fora m, de alguma forma, auxiliadas por ela

²⁸ À época do nascimento de Daniele, em junho de 2000, Felismina estava no seu quarto mandato como vereadora de Montadas.

ingressar na política, ao que ela aceitou prontamente, configurando-se como a primeira vereadora montadense.

É evidente que a intenção do Sr. Antônio Veríssimo, quando do convite para que a referida mulher ingressasse na edilidade local, fora estratégica no sentido de valer-se do prestígio da parteira como mecanismo de fortalecimento da própria imagem perante o povo montadense. Contudo, não se pode descartar a hipótese de que essa aliança serviria, também, para estender o poderio Veríssimo para fora dos limites do município, haja vista, que a neófito vereadora tecia boas relações com algumas autoridades médicas de outras cidades, a exemplo de Esperança, para onde encaminhava muitas das mulheres que acompanhava.

Adentrar a política, tanto para Felismina quanto para Josefa, implicava na obtenção de maior apoio no sentido de atender às famílias que auxiliavam. No caso de Felismina, especificamente, significara melhoria de sua própria situação, haja vista, que o ofício de partejar, unicamente, não lhe rendia lucros, configurando-se como uma atividade informal que, conforme já exposto num momento anterior.

Durante mais de duas décadas, ao longo de cinco mandatos²⁹ consecutivos, Felismina fez parte da vida pública montadense. Eleita pelo Partido Democrático Social (PDS), em 1983, consolidou-se, também, como a primeira mulher a ocupar a Presidência da Casa Legislativa Municipal, tendo ocupado por três mandatos a Vice-Presidência³⁰. Ao longo de sua trajetória política, a vereadora em questão permaneceu nos partidos da direita e, mormente, foi eleita pelo Partido de Frente Liberal (PFL).

Na fotografia abaixo, registrada na Câmara Municipal de Montadas, Felismina aparece – com os demais vereadores, prefeito e vice-prefeito – em quatro dos quadros dispostos, que concernem, respectivamente, aos anos de seus mandatos, exceto o primeiro, de 1983:

Imagem 5 - Quadros dispostos na Câmara Municipal de Montadas



²⁹ 1º: 1983-1988; 2º: 1989-1992; 3º: 1993-1996; 4º: 1997-2000 e 5º: 2001-2004.

³⁰ Presidência: 1985-1987; Vice-Presidência: 1999-2000; 2000-2002; 2003-2004. Disponível em: <http://camaramontadas.pb.gov.br/site/mesas-diretoras/> Acesso em: 04 de maio de 2020, às 17h48min.

Fonte: Arquivo pessoal da autora, 2020.

A memória política de Felismina não está exposta somente nos quadros da Casa Legislativa Municipal e nas Atas das Sessões, ela ocupa largo espaço em seu acervo fotográfico particular, mesclando-se às fotos de família. Tal assertiva revela que a dimensão da vida pública daquela mulher se estendia à privacidade do seu lar, configurando-se como duas categorias, a certa medida, indissociáveis.

Folheando imagens: lembranças registradas

Comadre e madrinha de tantas almas montadenses, é bastante comum, ao folhearmos os supraditos álbuns, nos depararmos com fotos de crianças sendo batizadas. Não necessariamente, os afilhados de batismo configuram-se como crianças que nasceram pelas suas mãos. Sabe-se, porém, que “amadrinhar” crianças é uma prática que, na região Nordeste, simboliza prestígio. Na imagem subsequente, se pode observar que não apenas recém-nascidos eram dados em batismo à Felismina e Antônio Freire:

Imagem 6 - Registro pós-batismo, na Igreja São José, em Montadas



Fonte: Arquivo pessoal de Messias Freire digitalizado pela autora em 2020.

Voltar à qualidade de parteira da supracitada vereadora nos leva a ressaltar que, o trânsito por hospitais e maternidades da região, fez com que Felismina tivesse contato e firmasse amizade com pessoas influentes, a exemplo de Dr. Armando Abílio³¹. Esse, além de atuar politicamente, fora diretor do Hospital Geral do município de Esperança entre 1982 e 1991, tempo em que Felismina iniciara sua carreira política.

³¹ Natural de Itaporanga/PB, Armando Abílio Vieira é médico e ex-deputado federal, atualmente, trabalha como médico e radialista na cidade de Esperança/PB. Disponível em <<http://www.fgv.br/cpd/doc/acervo/dicionarios/verbete-biografico/armando-abilio-vieira>> Acesso em 04 de maio de 2020, às 18h44min.

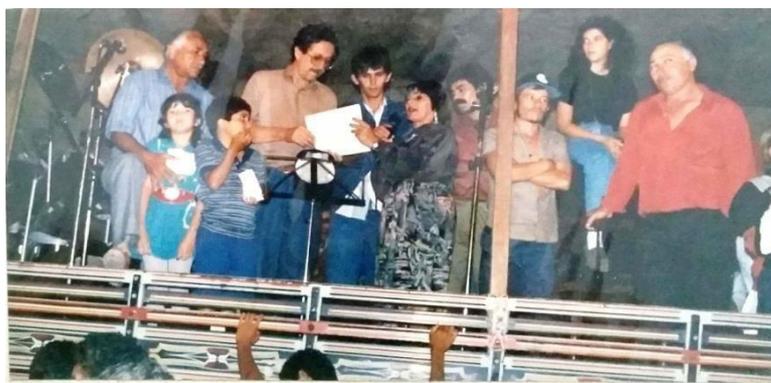
Não raramente, o nome do referido médico é mencionado quando de falas que remetem à Felismina, de modo que, há sempre alguma mulher capaz de relatar que Dona Felismina a levava ao hospital de Dr. Armando. Esse, em várias ocasiões, aparece nas fotos pessoais daquela, conforme exposto nas imagens a seguir:

Imagem 7- Felismina, Armando Abílio e Luís de Dó, 1989



Fonte: Arquivo pessoal de Messias Freire digitalizado pela autora em 2020.

Imagem 8 - Armando Abílio e Felismina dividem o palanque com populares, em Montadas



Fonte: Arquivo pessoal de Messias Freire digitalizado pela autora em 2020.

Na imagem 7 Felismina aparece ao lado de Armando Abílio e o vereador conhecido como Luís de Dó, que segura um canudo, o que nos leva a inferir que a ocasião data de uma cerimônia de posse da qual temos um impasse³² quanto ao ano.

No concernente à imagem 8, aparentemente, Felismina está lendo um documento para Armando Abílio, contudo, essa possibilidade foi descartada pelo conhecimento prévio de que aquela vereadora sabia apenas assinar o próprio nome. Uma segunda hipótese seria Felismina

³² Em outra foto, registrada na mesma ocasião – o que inferimos pelo mesmo vestido que Felismina usava – a vereadora em questão aparece ao lado de Arimatéia Souza, Josefa Tavares e Zélia Maria da Silva Araújo. O fato de todas as mulheres estarem portando um diploma (canudo) em mãos constitui o impasse em questão: Zélia e Josefa não exerceram a função de vereadoras num mesmo mandato. Ambas, porém, tiveram mandato quando da Gestão de Arimatéia Souza. A primeira, em 1993/1996; a segunda, em 1997/2000.

ter decorado um discurso e, por fim, interpretamos que ela possa apenas estar entregando algo impresso para o colega e falando sobre o conteúdo.

Messias Freire, filho de Felismina – e quem a acompanhava nas campanhas políticas – afirma que Armando Abílio protagonizou um episódio até então inédito na cidade, ao configurar-se como primeiro deputado a derrotar, em Montadas, um deputado apoiado pelos Veríssimos e, para tanto, teve o apoio de sua mãe. Aqui, percebe-se que Felismina não constituiu-se como simples marionete nas mãos dos demais políticos locais. Ela atuou efetivamente, expressando sua vontade ao apoiar a quem melhor se alinhava.

Expressão, aliás, é algo que a vereadora em questão tinha, bem como, voz. Pequena em estatura, Felismina se destacava no cenário político que, em Montadas – à época de nossa narrativa – era território predominantemente masculino, conforme contrasta a fotografia a seguir:

Imagem 9 - Campanha política, Montadas, 1996



Fonte: Arquivo pessoal de Messias Freire digitalizado pela autora em 2020.

A despeito do protagonismo nos palanques em época de campanha política, era nos bastidores da sociedade montadense que Felismina trabalhava. O que a elegeu e reelegeu durante tantos mandatos não foram palavras ditas de quatro em quatro em anos, mas a assistência dirigida às famílias diariamente na área da saúde através de cirurgias e consultas que conseguia, em vista das boas relações que encetara.

A trajetória política de Felismina sempre esteve intimamente ligada à supracitada área, de modo que, em justa homenagem, o auditório da saúde, inaugurado em outubro de 2019, recebera seu nome. Na ocasião – que contou, além das autoridades locais, com a presença de familiares – o Secretário de Saúde Erasmo de Souza, tomando a palavra, evidenciou os préstimos da homenageada, atribuindo-lhe a qualidade de “sanitarista nata”³³.

³³ Informação disponível em: https://ms-my.facebook.com/montadasemdestaque/videos/hoje-foi-realizada-uma-homenagem-a-ex-vereadora-felismina-maria-freire-homenagem/769282956835128/?so=permalink&rv=related_videos. Acesso em 05 de maio de 2020, às 03h20min.

A vida pública não distanciara aquela mulher da intimidade dos lares, mas ofereceu-lhe meios de agir mais efetivamente em prol das famílias mais necessitadas. A ausência de formação escolar não impediu Felismina de adentrar a vida política e constituir nela uma longa carreira. Em contrapartida, foi da vida de dificuldades que a levou a assumir o ofício de partejar e, das experiências dele advindas, que a referida mulher desenvolveu a sensibilidade frente às carências sociais.

Mulher, madrinha e comadre, eis alguns dos substantivos femininos que compuseram aquela vereadora, cujos dois primeiros nomes, em si, têm um *que* leveza e fortaleza, respectivamente. Assim, o nome composto que a identificara na sociedade civil sugere a leveza da feliz menina, unindo-se à “eterna magia” da Maria, musicada pelo poeta. Ao contrário do dito popular, essa Maria não somente foi com as outras, mas foi de encontro a elas sempre sua presença foi necessária ou essencial.

7. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O ponto central de nossa investigação se concentrou em identificar aspectos da vida cuja identidade social sustentou o nome de Felismina Maria Freire, no sentido de mostrar por quais motivos tal mulher figurou com destaque na sociedade montadense entre os anos 1983 até 2004 e, de que formas, suas memórias se misturam às do local em questão, desde seus populares até os lugares concretos da cidade.

Partindo do pressuposto de que a figura por trás do supradito nome é composta por – entre outros – dois agentes históricos de notável importância no interior daquela sociedade: a parteira e a vereadora; trilhamos o encaixo de fontes que nos permitissem construir uma narrativa sobre a vida social Felismina.

Assim, a discussão empreendida ao longo desse texto se deu através de dois movimentos distintos, de modo que, para nos remeter à Felismina quando de seu ofício de parteira, nos apoiamos nas memórias de partos de três de suas ex-parturientes. As fontes que nos apresentaram Felismina na qualidade de vereadora, por sua vez, nos foram apresentadas, principalmente, por meio de registros fotográficos dos álbuns familiares pessoais de nossa personagem, a sinalizar um modo de dizer “visual”.

Como resultado da pesquisa encetada, nos deparamos com uma mulher que, a despeito de vir de uma origem humilde, desprovida de formação escolar básica, descobriu, na arte de partejar, o gosto pelo verbo ajudar e, também nele, uma forma de ser ajudada. Em face das próprias dificuldades porque passava e através da assistência prestada às famílias

montadenses, Felismina desenvolvera a sensibilidade diante das carências sociais que testemunhava quando de sua visita às casas dos populares locais.

Nos dizeres de três de suas comadres, Felismina é constituída pelos adjetivos da alegria, fé, competência na arte de partejar e pela assistência social que prestava na área da saúde. Em cada fala, por sua vez, percebemos um sentimento comum: gratidão! As “Felisminas” que encontramos nos discursos de Valdízia, Detinha e Edileuza – mais que parteira e/ou vereadora – constituíram para aquelas, quando do momento do parto de seus respectivos filhos, uma mãe, amiga e autoridade.

A despeito do recorte temporal de nossa investigação tratar de um tempo no qual Felismina já atuava como vereadora, sabemos que sua lida no ofício de partejar data da década de 1970, o que nos levou a inferir que fora, justamente, em razão do prestígio alcançado no seio das famílias montadenses que a parteira em questão adentrou, oficialmente, na vida pública local.

Politicamente, não encontramos apenas uma vereadora, mas a primeira vereadora da cidade de Montadas e primeira mulher a presidir a Casa Legislativa Municipal. Em tudo feminina, Felismina adentrou um universo majoritariamente masculino e, nele, permaneceu por duas décadas. Temos, assim, discursando nos palanques, ao lado de deputados e personagens de destaque da política local, uma mulher que, na escola, aprendera apenas assinar o próprio nome, mas nas experiências de vida, não apenas formou-se, mas deu lições de humanidade.

Nas eleições para o mandato de 2005/2008, pela primeira vez desde o seu ingresso na carreira política, Felismina não conseguiu se reeleger. A idade avançada (72 anos), bem como, os primeiros sinais do Alzheimer contribuiu para que os próprios filhos a convencessem a abandonar de vez o referido mundo.

Felismina Maria Freire faleceu em 2013, mas vive na memória e gratidão de suas comadres, no pulsar do coração de cada criança que ajudara vir ao mundo, bem como, nas paredes da Câmara Municipal e nos comprovantes de residência dos moradores da rua batizada com seu nome. Indivíduo biológico de nome concomitantemente composto e singular, ao longo de sua vida foi sujeito de várias categorias passíveis de historicidade.

Merece ser reconhecida na sociedade montadense, dentre outras coisas, em razão do trabalho social que desempenhara.

8. FONTES DE PESQUISA

Orais:

EDILEUZA FERREIRA DE LIMA. Entrevista concedida à autora no dia 24 de abril de 2020.

MARIA LUZINETE SOARES. Entrevista concedida à autora no dia 13 de março de 2020.

MARIA VALDÍZIA DA SILVA. Entrevista concedida à autora no dia 10 de março de 2020.

MARIA DO SOCORRO NASCIMENTO. Entrevista concedida à autora no dia 27 de março de 2020.

Documentais:

ATA DA 5ª SESSÃO EXTRAORDINÁRIA DA CÂMARA MUNICIPAL DE ESPERANÇA/PB, 1953

ESTADO DA PARAIBA. Lei Estadual nº 2035 de 08 de Abril de 1959.

PREFEITURA MUNICIPAL DE MONTADAS. Lei Municipal nº 324 de 26 de Março de 2006.

_____. Lei Municipal nº 419 de 20 de Agosto de 2014

_____. Lei Municipal nº 502 de 10 de Junho de 2019. Disponível em: <http://www.montadas.pb.gov.br/pdf/109b17d9c8ed5a354bd69dc559b7a3c2.pdf> Acesso em: 14 de maio de 2020, às 16h19min.

_____. Lei Municipal nº 512 de 10 de Outubro de 2019. Disponível em: file:///C:/Users/vanuza/Downloads/publicado_61824_2019-11-12_8ce223d2d46ae856b2f46d54603ec996.pdf Acesso em: 14 de maio de 2020, às 05h51min.

Eletrônicas:

CÂMARA MUNICIPAL DE MONTADAS: CASA MANOEL FERNANDES DA SILVA. **Mesas Diretoras**. Disponível em: <https://www.paraibacriativa.com.br/artista/montadas/> Acesso em 15 de maio de 2020, às 18h06min.

ESQUENTA PARAÍBA. **Jornal erra ao afirmar que Seilândia Basílio seria a 1ª mulher a presidir a Câmara de Montadas**. Disponível em: <http://esquentaparaiba.blogspot.com/2013/02/jornal-erra-em-afirmar-que-seilandia.html> Acesso em 14 de maio de 2020, às 16h20min.

PARAÍBA CRIATIVA. **Montadas**. Disponível em: <https://www.paraibacriativa.com.br/artista/montadas/> Acesso em 15 de maio de 2020, às 18h04min.

DISCURSO DE INAUGURAÇÃO DO AUDITÓRIO FELISMINA MARIA FREIRE. Disponível em: <https://ms->

my.facebook.com/montadasemdestaque/videos/769282956835128/?_so_=permalink&rv__=related_videos> Acesso em 11 de abril de 2020.

Visuais (registros fotográficos)

ACERVO PESSOAL DE MESSIAS FREIRE. **Imagens 1, 2, 3, 5, 6, 7, 8, 9.** Digitalizadas pela autora em 2020.

BARBOSA, Vanuza de Oliveira. **Quadros dispostos na Câmara Municipal de Montadas.** Fotografia 4, 2020.

9. REFERÊNCIAS

BOURDIEU, Pierre. **A ilusão biográfica.** In: Usos & abusos da História Oral. Rio de Janeiro: FGV, 2006.

DEL PRIORE, Mary. **História das Crianças no Brasil.** São Paulo: Contexto, 2010.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva.** São Paulo: Editora Vértice, 1990.

LIMA, Renovato Gonçalves de. **História do que foi e do que é Montadas.** 1966.

MAIA, Luna Maia. **Com o poder de Deus nas mãos: concepções das parteiras acerca da vivência do parto numa perspectiva espiritual.** Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2013. Disponível em: <<https://repositorio.ufpb.br/jspui/bitstream/tede/4208/1/ArquivoTotalLuna.pdf>> Acesso em 13 de Abril de 2020, às 09h23min.

OLIVEIRA, Priscila Musquim Alcântara; OLIVEIRA, Alexandre Luís. **Sedução e desafios da biografia na história.** Faces de Clio, v. 1, n. 1, p. 168-180, 2015. Disponível em: <<http://www.ufjf.br/facesdeclio/files/2014/09/1.10.Artigo-Priscila-e-Alexandre.pdf>> Acesso em 14 de maio de 2020, às 02h30min.

SANTOS, Jardelle Ridelly de Oliveira. **A diversidade da agricultura familiar e dinâmicas de adaptação ao mercado: um estudo no município de Montadas-PB.** UFCG: Campina Grande-PB, 2017.

SCHMIDT, Benito Bisso. **O gênero biográfico no campo do conhecimento histórico: trajetórias, tendências e impasses atuais e uma proposta de investigação.** Anos 90, Porto Alegre, v. 6, p. 165-192, 1996. Disponível em: <<https://seer.ufrgs.br/anos90/article/view/6178/41475>> Acesso em 13 de maio de 2020, às 19h36min.

SILVA, Ana Cláudia Feliciano da. **A mulher na política paraibana: protagonismo de Maria Dulce Barbosa (1947-1966).** Trabalho de Conclusão de Curso. UEPB: Campina Grande, 2014.

SOUZA, Ivo Fernandes de. **Cortando os fios de vida tecendo histórias de afeto:** memórias e saberes das parteiras de Salgadinho – Paraíba (1970-1980). Trabalho de Conclusão de Curso. Campina Grande: UEPB, 2017.

AGRADECIMENTOS

“E o Verbo se fez carne”. O poder da palavra é resumido numa afirmação bíblica. Gramaticalmente, os verbos – no plural – configuram-se como uma dentre as dez classes de palavras; indicando ação, movimento, vida. O Verbo bíblico, em sua singularidade, constitui-se como profecia encarnada na Segunda pessoa da Santíssima Trindade. Tal assertiva tem potência sacra para os que crêem, sinalizando que a força verbal passa pela categoria dos sentidos que se lhe atribui.

Para que esta investigação fosse passível de execução, gerando resultados, foram necessários muitos verbos: indagar, recordar, falar, escutar, gravar, transcrever, analisar. Destarte, trata-se de uma narrativa que, a despeito de ter sido escrita a dois, é composta por muitas vozes e presenças. No intuito de trazer à luz aqueles que, de uma ou outra forma, contribuíram para esta produção, ousou eleger um verbo – igualmente bíblico – capaz de traduzir com perfeição o sentimento que me preenche. Trata-se do verbo Agradecer.

O tema principal desta composição acadêmica é a vida. Assim, o primeiro agradecimento se dirige ao Verbo que se fez carne, filho do Autor de todas as vidas, força que dá sentido aos meus verbos: Jesus Cristo. E se este artigo tem nome de mulher, se possui cariz maternal e é perpassado pelo verbo gestar, nada mais justo que evocar o nome de Maria Santíssima, que não cessa de interceder por todos os que a ela se achegam.

Representando os verbos zelar, orientar e inspirar; elevo minha gratidão à professora, mentora, exemplo e amiga querida, Doutora Luíra Freire Monteiro; cuja presença configura-se como certeza do amor e cuidado divino para comigo. Por todos os verbos que temos conjugado ao longo de seis anos; pelas razões que conheces, Deus testemunhou e em mim estão sacramentadas: muito obrigada. Esta produção não existiria sem teus esforços no sentido de conscientizar-nos para a importância de atribuir dignidade histórica aos lugares de onde viemos e que fabricamos com nossa existência. Ademais, Amo-te!

No tocante aos verbos incentivar e cuidar, ousou traduzi-los na pessoa do Prof. Dr. Flávio Carreiro de Santana: um anjo que caiu dos céus de Pombal. Pela amizade traduzida em gestos, obrigada, Flavete! (continuo te devendo um susto, ou dois...)

Ao Núcleo de Pesquisa e Extensão em História da Paraíba (NUPEHP) – que nos ensina o zelo pelas fontes – e ao Curso de Especialização em História Local – oxigênios e vitrines do curso de História da UEPB – agradeço por terem me despertado para os sentidos do meu lugar e à historicidade da minha gente.

A todos os professores, cujas discussões contribuíram sobejamente quando da educação do meu olhar à sensibilidade dos tempos pretéritos do quintal de casa – em especial à idealizadora dos dois projetos – já referida, Profa. Luíra Freire – manifesto minha mais sincera gratidão e reconhecimento.

Aos professores que compuseram a banca examinadora: Rosineide Alves de Farias e Luiz Carlos dos Santos. Obrigada por toparem conjugar os verbos ler e sugerir, enriquecendo esta pesquisa com suas respectivas considerações. Há sempre o que acrescentar!

Aos colaboradores Messias Freire, Kleyton Messias Freire e Diogo Pereira – filho e netos, respectivamente – de Dona Felismina que, gentilmente, me cederam fontes essenciais para a feitura deste artigo, dispensando-me a atenção necessária e esforçando-se para detalhar o mais fielmente possível as informações: meu respeito e gratidão.

Às comadres Maria Valdízia, Detinha e Edileuza – vozes que deram luz às faces de Felismina (e Josefa) – pelo acolhimento e presteza. Obrigada por gestarem comigo grande parte da narrativa aqui encetada. Ainda nesse sentido, estendo a gratidão às afilhadas, Dona Maria Socorro do Nascimento, Ednalva Brito, Célia Silva e Daniele Ferreira.

Ao Claudio José da Silva – meu querido Bí – e Antônio Veríssimo de Souza Segundo pela disponibilidade de ajuda sempre que precisei.

Aos meus colegas de turma, que conjugaram com maestria o verbo compartilhar: parabéns por terem cruzado a linha de chegada! Especialmente, Rafaela Barros, Juliana Almeida, Pablo Leite e ao parceiro de inglês, Michel Galdino – “Vida inteligente nas madrugadas” – por todas as partilhas que dotaram de leveza os dias mais pesados, *thank you so much!*

À minha irmã, Jaqueline Oliveira – laço sanguíneo mais próximo – e ao meu cunhado Ailton Albuquerque, por me acolherem em sua casa, me orientando em paragens distantes quando a saudade do meu lugar me desorienta.

Às minhas tias Lita e Sandra, e ao meu tio Arimatéia.

Ao meu amigo e anjo Emerson David Justino que, partindo para a Eternidade, eternizou-se no que tenho de mais precioso: a memória. (*In memoriam*)

Ao meu *daddy*, Epitácio Maria de Oliveira, e à minha *mom*, Antônia Victória Oliveira – também comadre de Felismina – para os quais o verbo amar jamais será conjugado no tempo pretérito. (*In memoriam*).

À Vera Lúcia Oliveira, referência primária de local. Ventre que me gestou. Mulher que me pariu. (*In memoriam*).